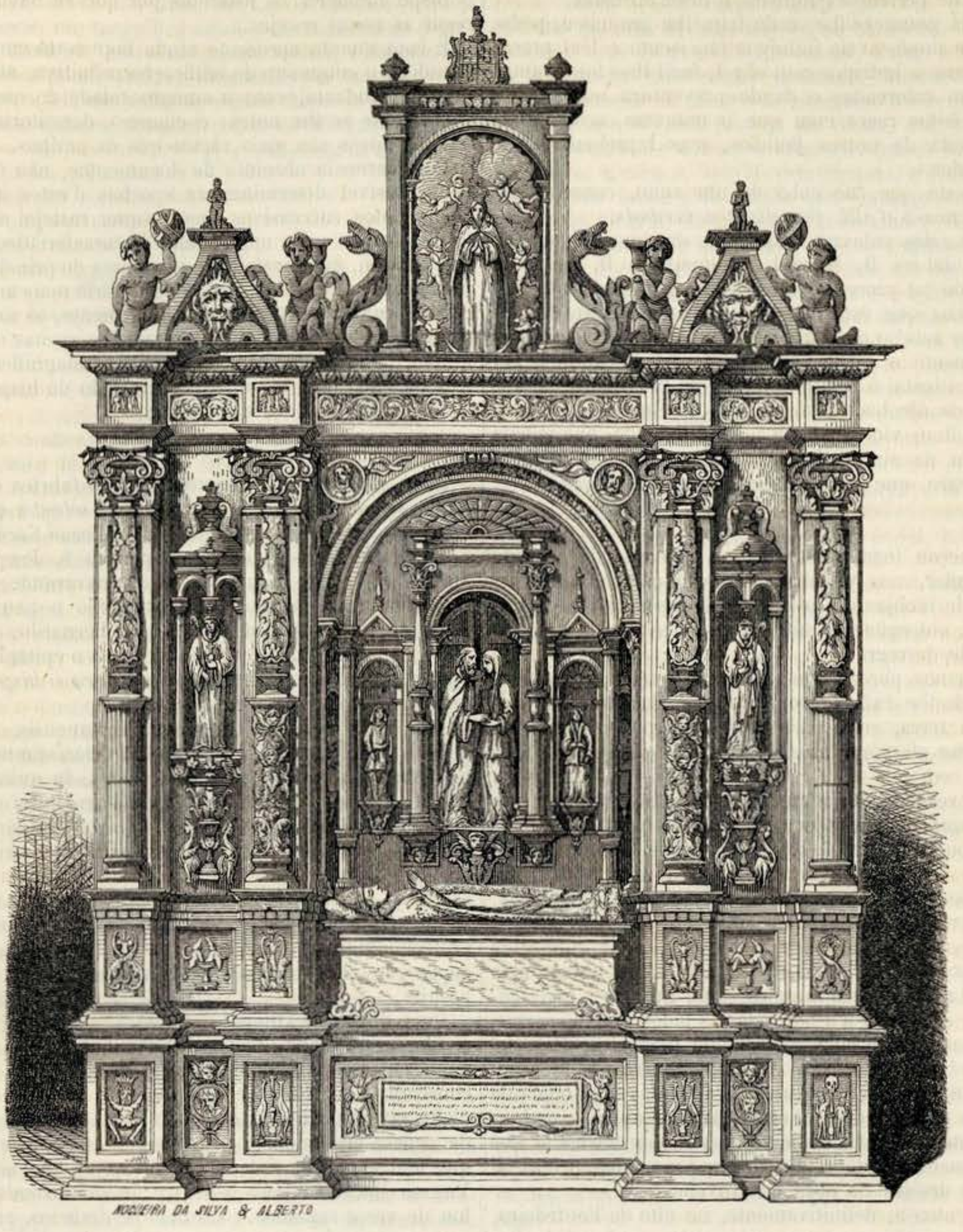


Tumulo do bispo D. Jorge de Mello, no templo do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da ordem de Cister, na cidade de Portalegre

I

Simão de Mello, natural de Evora, foi filho de Garcia de Mello, alcaide-mór de Serpa, e de D. Filippa Pereira da Silva, ambos da principal nobreza d'estes reinos. [1]

Findos os seus primeiros estudos, sentiu-se propenso ao estado ecclesiastico, e, para lograr n'elle dignidade que correspondesse ao lustre de seu sangue, dirigiu-se a Roma a solicital-a. [2]

Encontrou benigno acolhimento no cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, seu compatriota, que não só o recommendou á benevolencia do pontifice, de quem era valido, mas lhe cedeu a opulenta abbadia de Alcobaça, de que era commendatario.

E foi n'essa epocha, em obsequio a tão generoso protector, que Simão de Mello renunciou ao nome do baptismo, tomando o do novo padrinho.

Cursava D. Jorge de Mello a corte, exercendo o cargo de esmoler-mór, annexo á sua dignidade, e, quando el-rei D. Manuel lh'o requeria, dava tambem sobre os negocios o conselho que havia por mais adequado.

Escutava-o com benevolencia o monarcha, e não sómente approvava, em particular, as disposições que lhe insinuava, mas até alguma vez chegou a romper, em publico, alvarás em que estas disposições se contrariavam, recusando assignal-os.

[1] Fr. Manuel dos Santos. *Alcobaça Illustrada*, tit, XII, pag. 317.
[2] *Agiologio Lusitano*, etc., tom. I, pag. 317.

Mal soffriam os cortezãos tão notorio valimento, e mais odiosa lhes era ainda a nobre ousadia com que o esmoler-mór os affrontava, embargando-lhes o despacho de pretenções injustas e desarrazoadas.

Devia grangear-lhe, e de feito lhe grangeou, poderosos e implacaveis inimigos tão isento e leal proceder. Para o indispor com el-rei, facil lhes foi levantar pretexto coloreado, e dando porventura maior vulto aos defeitos reaes com que o notavam, acoimaram-n'o ainda de outros ficticios, mas reprehensiveis e execrados.

É certo que, ao cabo de um anno, conseguiram *deitarem-n'o d'alli, por dizer a verdade.*

Com estas palavras magoadas, dez annos depois da morte del-rei D. Manuel, se queixava D. Jorge de Mello de tal procedimento a el-rei D. João III. [1]

Cremos que esta desgraça (tão inconstante é o favor dos reis!), não só o empenho de estabelecer condignamente o cardeal infante, levára D. Manuel, em 1519, a instal-o pela permuta, com D. Affonso, da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

Acceitou, violentado, a nova dignidade, que jámais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que então pertencia áquella diocese.

II

Começou logo a intender na execução do projecto de fundar, nas visinhanças d'esta cidade, um mosteiro de monjas da ordem de S. Bernardo, onde expiasse, entregue á penitencia, os delictos de uma juventude desregrada. [2]

Quer-nos parecer que tamanha quéda da fortuna, trazendo-lhe cabal desengano da caducidade das coisas da terra, seria parte, com os proprios remorsos, para lhe afervorar os desejos de se entregar de todo ás do ceo.

Em verdade, na soltura de costumes, commum, por desgraça, n'aquella edade, nenhum tento ou recato guardou D. Jorge [3]; é, todavia, forçoso confessar que, depois de entrado em annos, para reparação de tamanhos escandalos, tambem não poupou diligencias.

Determinára a principio edificar o mosteiro nas celebres ruinas da antiga Medobriga, mais conhecida hoje por Aremenha; desistiu, porém, do intento pela insalubridade d'este formoso valle. Humido e mal ventilado, cercavam-n'o por todos os lados asperas serras, avultando entre ellas o Herminio menor.

Parece que no logar denominado Provencia, e pelos antigos Valle de Flores, a distancia uma legoa da cidade para o norte, chegára tambem a lançar os fundamentos ao novo edificio; mas razões eguaes ás que o dissuadiram da fundação em Aremenha, o obrigaram a desistir da obra na Provencia.

Assentou-a, definitivamente, no alto da Fontedeira, onde permanece ao presente, sitio agradavel, sadio, proximo da cidade, e doado generosamente para esse fim pela camara municipal.

III

Não podêmos determinar o anno em que ao mosteiro se lançou a primeira pedra; não existe memoria da celebração d'este acto, que, pela dignidade do fundador e destino do edificio, devêra ser publico e solemnissimo.

O que sabemos com certeza é que em 1530 já se achava construido o templo, capitulo, dormitorio, refeitorio e as necessarias officinas; e tambem não padece duvida, que a 19 de agosto de 1531 assignára o bispo fundador os estatutos por que se haviam de reger as novas monjas.

E com quanto apresente ainda hoje certo cunho de grandeza o conjuncto da edificação primitiva, não tem que ver, todavia, com a sumptuosidade do que posteriormente se lhe unira: o claustro, dormitorio e refeitorio novos são mais vastos que os antigos.

Pela carencia absoluta de documentos, não é tambem possivel determinar as epochas d'estes accrescentamentos successivos, nem sequer rastejal-as pelo estilo, porque nada apresentam de caracteristico; cremos, porém, que o refeitorio não passa do principio do seculo XVII, sendo o claustro e dormitorio mais antigos.

Do seculo XVIII são, incontestavelmente, os azulejos e retabulos do templo, conservando-se apenas do primitivo, além da abobada e paredes, o magnifico portico da entrada, e o sumptuoso tumulo do bispo fundador, de que vamos dar noticia.

IV

É de marmore de Estremoz toda a fabrica do tumulo, *sepultura a mais sumptuosa e soberba que ha no reino*, segundo o testimunho de Jorge Cardoso. [1]

Representam as estatuas do portico S. Joaquim e Sant'Anna, como abraçando-se e conversando; estão aos seus lados da parte do evangelho o patriarcha S. Bento, e da parte da epistola S. Bernardo.

No logar subjacente ao tumulo lê-se o epitaphio seguinte, *por certo de muita honra para o bispo, se é que foi aberto depois da sua morte* [2]:

«Georgius de Mello Episcopus Egitanensis, vir et generis nobilitate, et animi virtute clarissimus, qui hoc templum, augustissimasque ædes, in quibus indotatæ Virgines Cisterciensis Ordinis institutis deditæ alerentur, ob insignem adversus ipsum Ordinem religionem pietatemque fecit, ac Divæ Virginis Matris Conceptioni dicavit. Vasa, vestes, pecuniam, prædia, et ad sacra, et ad Sacerdotum, Virginumque victum de suo statuit, dum ad suarum virtutum præmia capessenda profectionem parat (ut quod ex se terra erat, terra deponeret), hoc sibi sepulchri monumentum vivens posuit».

Quer dizer em vulgar:

«Jorge de Mello, bispo das Idanhas, varão clarissimo em nobreza de sangue e grandeza de alma, construiu este templo e este mosteiro magnifico para n'elle viverem virgens sem dote, vacando ao instituto da ordem cisterciense, pelo insigne amor e devoção, que tem á mesma ordem. E dedicou-o á Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, e de sua fazenda o dotou de vasos sagrados, paramentos, dinheiro, predios, para prover não só ás despezas do culto divino, mas á sustentação de seus ministros, e á das religiosas. Em quanto vae apparelhando a partida para onde ha de receber o premio de suas virtudes (pois á terra ha de restituir o que da terra houve), em vida erigiu para seu jazigo este monumento».

Não podêmos asseverar com certeza qual foi o escopro que cinzelou tão bellas estatuas, e executou tão primorosos lavores; reconhece-se que foi o mesmo que lavrou o portico do templo, que, pelos bustos em medalhões, vasos, pilastras estriadas, e outras miudezas e ornatos exquisitos, que n'elle se vêem, faz lembrar os da porta lateral excrecente de pedra de Ançã da sé velha de Coimbra.

Cremos, por isso, que o tumulo e o portico do mosteiro cisterciense de Portalegre foram, como a porta do famoso templo de Coimbra, obra de João de Cas-

[1] Constam estas particularidades de uma carta de D. Jorge de Mello para el-rei D. João III, transcripta nas *Provas e Addições da Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*, por fr. Fortunato de S. Boaventura.

[2] O prelado da Guarda, *pessoa de má vida*, menosprezava Roma, mas não tinha importancia alguma, porque vivia afastado da corte.—*Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. Tentativa historica por Alexandre Herculano, tom. III, pag. 16.

[3] «Nem os proprios cistercienses disfarçam, que existia defronte do mosteiro *(de Alcobaça)* uma D. Ignez de Mesquita (*Elena de Mesquita* aliás), com quem o abbade *(D. Jorge de Mello)* tinha commercio illicito, e de que procedeu ter nada menos de tres filhos naturaes».—*Historia Chronologica e Critica* cit., cap. IV, pag. 151.

[1] *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 436.

[2] *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*, pag. 152.

tilho, coincidindo aliás a epocha das construcções com a da florecencia do celebre architecto.

Falleceu o bispo D. Jorge de Mello a 5 de agosto de 1548, deixando, além de varios predios rusticos e urbanos, um magnifico espolio em baixella de prata, joias, dinheiro, escravos, guademecins, e tapeçarias.

É actualmente seu representante, por varonia, o sr. D. João Maria de Mello de Abreu Barbosa Palha Vasconcellos Guedes, terceiro conde de Murça.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 307)

DECIMA CARTA

«Roma

....

«Tu conheces a *villa* Pamphili. Lembras-te talvez que fomos lá ambos um dia do mez de abril, e que vendo para o fundo do grande pinheiral a ladeira de relva que desce para a choupana, e que termina na planicie envolta em brumas, rasgadas apenas pelos arcos amarellos dos aqueductos arruinados, dizias-me a mim: «Isto é formoso de mais; o homem não deve habitar aqui; só o amor é digno d'isso».

«Pois enganaste-te, propheta! Não é tão formoso como dizes; veiu o amor, e deu mil vezes mais formosura ás scenas melancolicas da *villa* a que tu chamavas o jardim do infinito.

«Vimos aqui passeiar muitas vezes ás horas em que o sol se atufa nas ondas do Mediterraneo, em quanto os romanos e os estrangeiros correm para o Corso, por entre duas paredes que enviam uma á outra a poeira. Como a princeza officialmente habita o convento, a condessa Livia não a leva a passeiar senão a sitios desertos: a Albano, a Tivoli, a Frascati, aos monumentos, aos jardins de Diocleciano, ao tumulo de Cecilia Metella, ás campinas da Sabina, aqui, em fim, a todos os sitios onde só eu e ella passeiámos. Como sou pouco conhecido em Roma, passo, quando alguem nos encontra, por um sobrinho da condessa Livia, que veiu de Sicilia de proposito para ser braceiro de sua tia. Os meus cabellos negros e as minhas feições meridionaes tornam a versão verosimil.

«Esta tarde, pois, deixámos dentro do caleche a velha condessa e a ama, na praça de verdura da entrada da quinta, e mettemo-nos, como de costume, eu e Regina, nas compridas lamedas de loureiros que descem, até se reunirem no horisonte, da planura para o valle. Eramos nós, a essa hora a que os italianos appelidam de perigosa, os unicos habitantes d'essas vastas e verdejantes salas. As compridas muralhas sombrias, as voltas da lameda, formadas pelas espessas sebes de loureiros tosquiados, as estatuas, as conchas das fontes, as perspectivas marmoreas que, de distancia a distancia, quebram a monotona uniformidade, furtavam-nos a todas as vistas. Procuravamos sumir-nos o mais depressa possivel n'esses labyrinthos a fim de que só os olhos do firmamento, essas estrellas que d'ahi a pouco iam brotar no ceo, nos podessem contemplar. Ella, Regina, ia colhendo na relva flores outoniças, e trazia-m'as em mólhos para eu as levar para a carruagem, a fim de que ella podesse perfumar, á noite, o terraço do seu quarto. Tinha já as mãos presas com a florida colheita. Regina corria adiante de mim; fazia voar os melros já pousados e adormecidos nos raminhos, e que, estonteados de somno, atravessando a lameda, roçavam pelas mãos estendidas da minha gentil companheira as suas azas azues. A rosea côr dos vapores da tarde, que fluctuavam no horisonte do lado do mar, vinha reverberar-se-lhe na fronte, no collo, nas mãos, como celeste carmim com que Deus quizesse revestir as mais divinas feições da natureza. Os seus cabellos, que levantava sem cessar, e que a corrida da louquinha sem cessar desatava, inundavam-lhe com as tranças as faces e os hombros. Dir-se-hia que saíra de um d'esses banhos de Diana, cujas ondas murmuravam nos canaes a seus pés. Nunca eu a vira tão bella, e nunca, sem duvida alguma, o chão d'esses jardins havia sido pizado por imagem mais radiante da alegria, da juventude e do amor. Não comprehendia, olhando para ella, que o soffrimento se atrevesse alguma vez a ensombrar uma tão pura fronte. Parecia-me inviolavel á desgraça e á morte.

«Quando estava cançada, pendurava-se com as suas duas mãos do meu braço já carregado com as suas flores, e apoiava-se, exaggerando o leve peso do seu corpo, a fim de me fazer melhor comprehender que estava junto de mim, e para sentir melhor o apoio que eu lhe prestava. Divertia-se em arrastar momentaneamente o passo, como se não podesse já andar tão depressa; depois subitamente largava-me, soltando gargalhadas argentinas; e, desafiando-me a apanhal-a, corria, ligeira como uma corça, pelas lamedas.

«Depois deixava-me passar adiante, e pedia-me, fingindo ficar amuada, que esperasse por ella. Approximava-se então, com as mãos encruzadas no peito, na attitude de scismadora languidez, contemplando-me e parecendo-me agitar na sua mente alguma idéa importuna, e, a final, erguia e sacudia a cabeça com um movimento impaciente e fogoso, dizendo: «Não, não quero pensar n'isso; Salucio, temos ainda dois annos de liberdade.

—«Mas não sabes, dizia-lhe eu, que a vida será terrivel para nós quando estivermos separados um do outro, depois de dois annos d'esta ventura sobrehumana!

—«Ha uma Clotilde no ceo, respondia-me ella então, mostrando-me com o dedo erguido uma das estrellas que principiavam a despontar no firmamento, por entre as largas copas verdejantes dos pinheiros da Italia. Aquella que nos reuniu continuará a proteger-nos.

—«Tu pensas o que será para mim a solidão do palacio de meu pae, depois de ter passado todas as noites junto de ti e de tua avó? Oh! se Clotilde quizesse proteger o nosso amor, porque deixaria ella interpor-se a mim e á sua amiga, a sombra ameaçadora d'esse homem que ha de reclamar, um dia, em nome da lei, o que nem o coração nem a vontade lhe deram?

—«O principe*** n'este momento não habita em Roma. Foi viajar a Inglaterra e á America, estudar os melhoramentos agricolas que poderá fazer nos seus dominios territoriaes dos estados romanos.

DECIMA TERCEIRA CARTA

«Roma.

«Passam os dias e os mezes, e a minha felicidade não muda. Por isso te escrevo pouco, receiando enfastiar-te com a narração monotona da ventura. Ha algumas semanas que habito na mesma casa de Tivoli, com Regina e com sua avó.

«Os medicos aconselharam á condessa que fosse respirar, para se fortalecer, ao ar vivo e puro das collinas. Alugou por alguns dias um dos andares do palacio*** em Tivoli. Deu-me licença que alugasse tambem um aposento do andar superior áquelle que habitavam, no mesmo palacio. Tu conheces Tivoli. Estamos no ultimo degrau do amphitheatro de collinas, e dominâmos com a vista o templo da Sibylla, as grutas,

as cascatas, d'onde se erguem os murmurios e a espuma das aguas, misturados com os iris que revoluteiam por entre os vapores.

«Já não era necessaria mais essa allucinação para que as nossas almas tivessem um vertiginoso e eterno deslumbramento.

«Estou vendo d'aqui a planura fronteira, situada do lado d'além d'este valle das aguas, com os seus verdes carvalhos, com as suas rochas pardas, com figueiras enlaçadas, e com o eremiterio dos franciscanos, que foi outr'ora a casa de Horacio, e onde escreveste um dia os teus primeiros versos. Esta recordação tua, no meio da minha felicidade, torna-a mais completa. Imagino que estás ainda junto de mim, mirando-me e alegrando-te commigo da fortuna me ter dado para theatro do meu amor uma das mais divinas residencias do mundo. Quando a alma está trasbordando de ventura, gosta de se expandir n'uma natureza tão esplendida como os seus pensamentos. A natureza é o scenario da vida. Nunca existencia mais feliz se passou n'um scenario mais formoso!»

DECIMA QUARTA CARTA

«Roma.

«Tão completa ventura não podia ser perduravel. Preciso agora da tua compaixão. A condessa Livia recebeu do governo ordem de voltar para Roma, de observar com a sua neta a regra claustral do mosteiro, ou de a deixar sósinha no convento até que voltasse o principe*** e reclamasse sua mulher. Este golpe foi-nos vibrado pelos amigos do principe, que souberam e se queixaram das assiduidades de um estranho. Aqui as ordens da policia são absolutas; não ha remedio senão obedecer. A condessa abandonou Tivoli, e voltou para o seu palacio de Roma, a fim de ter a liberdade de protestar, e de pôr em campanha os seus amigos para obterem do governo a revogação do decreto. Regina estava encerrada sósinha com sua ama, no recinto do convento. Parti para Florença, segundo o que ellas me aconselharam, a fim de tirar todo o pretexto de accusação contra Regina e contra a condessa. Mas quando cheguei a Terni ordenei ao cocheiro que continuasse com o caleche de noite no caminho de Florença; um moço napolitano dos meus amigos, que vae para Paris, tomou o meu logar. Voltei sósinho e com um nome supposto para a cidade, a fim que o meu palacio vazio enganasse a vigilancia do governo. Vivo escondido n'uma casa de jardineiro, fóra de portas, do lado de S. Paulo, n'um atalho, casa que pertence ao irmão da ama de Regina. Tenho um quarto cuja janella deita para um campo, e que me permitte gozar a vista do pomar e dos prados, sem que da estrada me vejam. Tenho commigo livros, papel, e espingardas de caça; sáio só á noite, embuçado n'uma d'essas amplas capas escuras, em que se embrulham os camponezes romanos, e com um chapéo de feltro de abas largas na cabeça. Nas portas de Roma julgam que sou algum marchante da Sabina, ou algum vinhateiro de Velletri; entro e sáio sem despertar suspeitas, e desliso sorrateiramente ao longo das paredes de Longara. A um signal convencionado, que é o de bater eu no chão com as solas dos meus sapatos cravejados de pregos, brilha um castiçal coando a sua tenue luz pelas grades de madeira, passa por entre ellas uma gentil mãosinha, e uma linha, munida de um gancho de chumbo, desce encostada á parede; tiro um bilhete de Regina, penduro outro meu, oiço um suspiro, ou o meu nome proferido em voz baixa; cubro de beijos o papel antes de o deixar subir, afasto-me apenas oiço o mais leve ruido, fujo com o meu thesoiro; leio-o ao fulgor da lua, ou das lampadas que ardem nos nichos da virgem, sáio por outra porta de Roma; volto para o meu asylo, passo a noite e o dia a reler, a estudar, a interpretar as cartas de Regina. O principe***, diz ella, está para voltar á Italia. Sua avó passa a vida em trances angustiosos, e em prantos. Está decidida a protestar contra o consentimento imprevisto que deu a esta união, debaixo do imperio da coacção e do medo. A tudo se prestará para impedir a desgraça de sua neta. Á força de dinheiro e de supplicas, fez com que se interessassem por ella uma parte da familia e das pessoas influentes no governo. As opiniões estão divididas. Livia tenciona pleitear, lançar-se aos pés do cardeal***. Tem odio actualmente ao tutor de Regina, e ao principe***. Regina jura, em todas as suas cartas, que prefere refugiar-se no tumulo de Clotilde a entregar-se a um homem a quem o seu coração repelle, e a dar a outro uma vida que ella já me déra antes mesmo de me conhecer. As coisas estão n'este ponto, e não podem durar muito tempo assim.

Oh! se tu estivesses junto de mim para me aconselhar, e para me livrar de praticar alguma loucura! Sinto que vou jogar mais do que a minha vida, a vida e reputação de Regina! Mas o meu unico conselheiro é o delirio que me domina de dia e de noite! Ha occasiões em que o delirio é a unica inspiração possivel.

Hei de escrever d'aqui a poucos dias, se ainda viver, ou se ainda possuir a minha liberdade.......

....

....

XXV

Essa carta fôra a ultima que Salucio me escrevêra antes da catastrophe que os encerrára a elle no castello de Santo Angelo, em França, a condessa e Regina. Eu digo como: esse drama de amor tivera o desenlace que todos tem, o soffrimento e as lagrimas. Regina contou-me todas as minucias que Salucio, preso n'essa epocha, me não podia narrar nas suas cartas.

XXVI

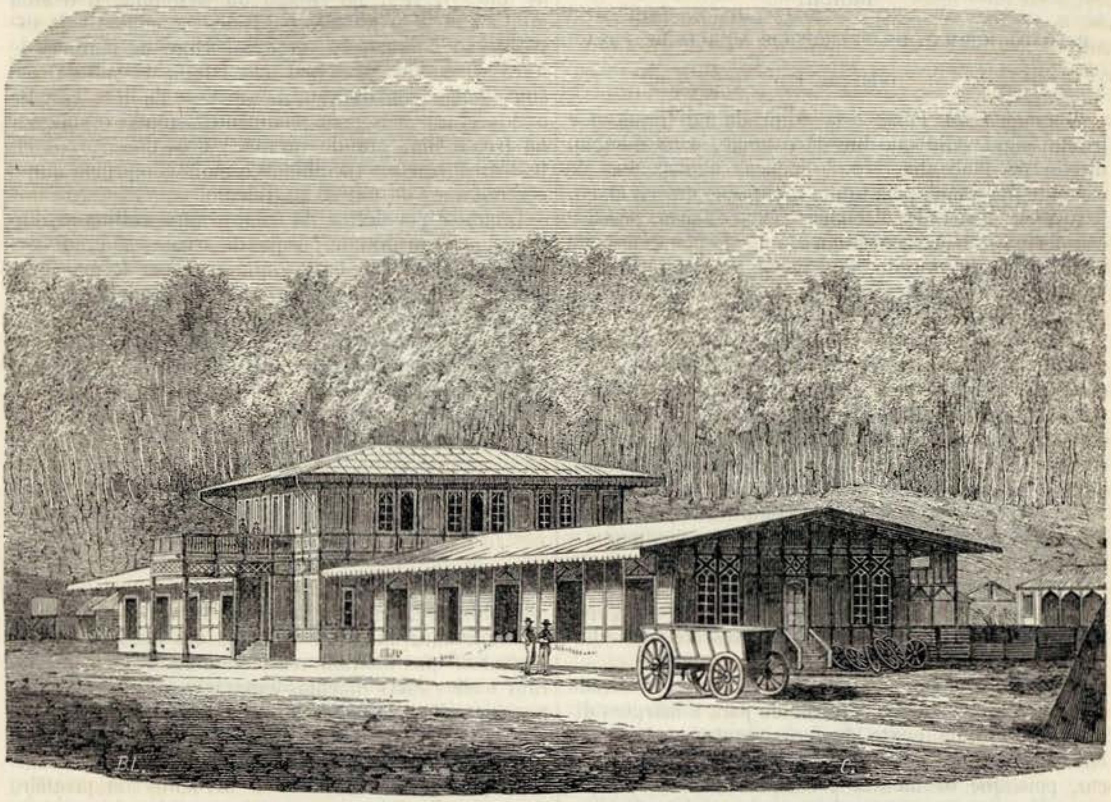
Salucio, por intermedio do irmão da ama de Regina, conseguíra conquistar o auxilio de um pobre hortelão do Transtevere, parente d'essa pobre familia, o qual cultivava uma hortasinha de legumes e arvores de fructo, mesmo por baixo do muro da cidade, que fechava a cêrca do convento de Longara. Como o governo ordenára á condessa Livia que se enclausurasse no convento com sua neta, a condessa, de combinação secreta com Salucio e Regina, a quem fôra severamente prohibida toda a communicação com qualquer pessoa que estivesse fóra do convento, recebeu aviso de se preparar para ir para o poder e para a casa do principe, assim que elle chegasse. Póde-se avaliar, pela energia e pelo indomavel capricho do seu caracter, a dor, a repulsão, a ira que ella havia de experimentar, vendo-se obrigada a sacrificar a um tempo sua avó, Clotilde, Salucio, a sua liberdade, a sua memoria, o seu amor, n'uma só immolação! Escreveu, por intermedio da sua ama, a Salucio estas duas palavras: «Ou a fuga, ou a morte, antes do dia em que me arrancarem a ti.»

Approximava-se o dia. O principe*** chegára já. Não pedíra ainda para ver a princeza. Conferenciava com os seus amigos, que faziam parte do governo, ácerca dos meios de curvar á obediencia, empregando a brandura e o temporisar, essa imaginação rebelde de criança. Informaram Salucio de tudo isso. Resolveu aproveitar-se d'esse momento de indecisão do principe, para subtrahir Regina a uma tyrannia que ella receiava mais do que o punhal.

XXVII

Salucio conseguiu successivamente, e de modo que não causasse suspeitas, a sua accumulação no mesmo

jardim, de quatro ou cinco d'essas compridas escadas de mão, feitas de madeira leve, de que se servem os jardineiros italianos para limpar as parreiras, e para ir colhêr os cachos de uvas nos pampanos enlaçados e suspensos na extremidade dos ramos dos alamos mais altos. Desarmou-as, poz os degraus á parte; acertou e atou os banzos com cordas bem fortes, e reconstruiu, d'essa fórma, uma escada levissima, solida, portatil, com cujo auxilio podia chegar ao cume do muro. Terminado esse trabalho, mandou dizer a Regina, pelo irmão de sua ama, que tencionava ir, na noite seguinte, assim que se sumisse a lua, á capella do convento, que estaria junto do tumulo de sua irmã, e que a triste reclusa podia, se quizesse, encontrar a liberdade onde encontrára o amor e a vida. Ajudado pelo jardineiro e pelo irmão da ama, cuja complicidade e mudez comprára a peso de oiro, subiu ao muro á hora convencionada, puxou a escada para si, fel-a escorregar ao longo da outra face da parede, até poisar na lameda de cyprestes do convento, desceu, metteu-se na capella, encontrou no sitio aprazado Regina e a ama, fel-as subir e descer o muro, da mesma fórma que elle fizera, e deixou aos seus dois complices o trabalho de tirarem, de demolirem a escada, e de destruirem, por essa fórma, todo e qualquer vestigio de escalada e de rapto no jardim do condescendente transteverino. Uma d'essas carretas de camponez romano, que se fazem



Estação de Luiz Gomes, ou da Gramma, na estrada de Petropolis ao Juiz de Fóra

com dois arcos de madeira, protegida contra os ardores do sol por um pedaço de panno, esperava por elles no pateo da casa da ama de Regina. Um vigoroso cavallo bravo das lagôas pontinas, comprado antecipadamente por Salucio, estava mettido nos tirantes da carreta. Regina despiu o seu trajo de seda e vestiu o trajo de lã de uma das sobrinhas da sua ama. Salucio vestia o trajo romano, e embuçava-se na sua capa de lã escura. Os pés calçavam sapatos de sola de páo, e nas pernas envergava as polainas de coiro negro, dos camponezes do agro Sabino. Tinha a seus pés, escondidos na palha da carreta, um bacamarte carregado até á boca, e duas espingardas. Os fugitivos, acompanhados unicamente pela ama, tomaram, quatro horas antes de romper o dia, o caminho das montanhas, seguindo tanto quanto lhes era possivel as estradas menos frequentadas. Graças ao vigor do cavallo, chegaram na tarde do dia seguinte ao sitio onde residia a condessa Livia. A condessa, que os esperava a toda a hora, não perdeu um instante a gozar da volta de sua neta. Tudo preparára para a eventualidade da fuga. Uma falúa, fretada pelo seu *fattore*, esperava as suas ordens em Gaeta. No dia seguinte dirigiram-se a esta cidade, e embarcaram para Genova, onde a condessa enviára uma carta avisando o seu banqueiro que lhe preparasse dinheiro, uma carruagem, e um correio.

A despedida de Regina e de Salucio, quando este teve de se apartar das duas fugitivas libertas, foi apenas um curto adiamento da sua reunião e da sua felicidade. Seis semanas depois deviam-se encontrar em Paris. Mas como a fuga de Regina passaria por um rapto se a proposito d'isso se fallasse em Salucio, este resolveu voltar audazmente a Roma, como se de lá nunca tivesse saído, apparecer com affectação nos passeios publicos e no theatro, e desmentir assim toda e qualquer participação que lhe podessem attribuir no acontecimento que ia ser o assumpto de todas as conversações.

XXVIII

Voltou, por conseguinte, a Roma pelo mesmo caminho que seguíra, e com o mesmo trajo que vestíra para o rapto de Regina; mas, quando chegou a casa do irmão da ama, achou no pateo um bando de esbirros, que o esperavam, e que lançaram mão d'elle antes que lhe fosse possivel suspeitar sequer a sua

presença. Já as cartas de Regina, e todas as provas da participação de Salucio no rapto da princeza, que ella deixára na cella, estavam nas mãos dos esbirros. Conduziram-n'o ao palacio do *Buon Governo*, ou da policia, e, depois de um breve interrogatorio secreto, foi encarcerado no castello de Santo Angelo, como criminoso de estado.

Foi d'ahi que, por intermedio de um official inferior da guarnição da fortaleza, conseguiu fazer chegar ás mãos da condessa e de Regina, em Genova, a carta para mim de que haviam sido portadoras.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Vid. pag. 175)

A *estação da Posse* está edificada no frondoso e fresquissimo valle que lhe dá o nome, e na margem direita do Piabanha, rio de poucas aguas, mas de corrente apressada pela muita inclinação do seu alveo.

A meia legoa de distancia d'esta estação, passa a estrada para a margem esquerda do rio por uma bella ponte de ferro, direita, mui larga, e pittorescamente lançada entre grandes rochedos, que se lhe levantam nas extremidades.

Segue d'aqui a estrada até á *estação da Jullioca*, a qual, não obstante ser uma das mais pequenas em edificios, é bonita pela elegancia e singeleza d'estes, sobre tudo do edificio principal, construido no gosto francez. Está situada a estação no *valle da Jullioca*, regado pelo mesmo Piabanha. É um valle delicioso, onde o rio tem o leito um pouco mais amplo que no valle da Posse, mas semeado, como n'este, de rochas que o fazem saltar, cobrindo-se de alvas espumas. Os montes, que em zigue-zagues formam o valle, estão cobertos da mais pomposa vegetação, alternando-se os cafézaes com as florestas de arvores silvestres, que vem descendo pelo recosto dos montes até se banharem na corrente.

A uma legoa do *valle da Jullioca* torna a estrada a atravessar o Piabanha, passando para a margem direita sobre uma ponte de ferro, junto ao *logar de Sant'Anna*. Aqui offerece a paizagem um novo aspecto, pois que os montes estreitam tanto o rio, que este cobre inteiramente o leito, ostentando a lisa superficie de um lago, em quanto que basto arvoredo lhe occulta os penedos de ambas as margens. A *ponte de Sant'Anna* é mais grandiosa que as precedentes. Direita, e assentando unicamente nas extremidades, tem n'elles dois esbeltos porticos, que lhe servem de pontos de suspensão, correndo pelos lados da ponte, em toda a altura dos ditos porticos, uma gradaria de ferro, que dá á ponte a fórma de um comprido corredor.

Continúa a estrada ao longo do Piabanha, atravessando um paiz formosissimo, onde se succedem uns aos outros os mais bellos contrastes da natureza. Aqui sobem as encostas, resplandecendo com a folhagem lustrosa e verde-esmeralda dos cafézaes, que constituem n'esta parte do paiz o principal ramo da industria agricola. Alli vestem-se ingremes ladeiras de bosques espessos, de variadissimas arvores seculares, de cujos troncos pendem em festões os convolvos e outras bellas trepadeiras, ou se elevam mil plantas parasitas de lindas folhas recortadas. Acolá abrem-se as quebradas dos montes, e os algares, eriçados de fragas toucadas de verdura, por onde se despenham torrentes, que vão sussurrando até se perderem no rio. Além, no fundo do valle, corre o Piabanha, ora quebrando-se contra as penhas, que o dividem em numerosos braços; ora arremeçando-se por cima de alto degrau de rochas; e logo adiante espraiando-se mais tranquillo sobre alcatifas de relva, e deixando ás arvores que o debruam mirarem-se nas suas aguas espelhadas. Ao longe cordilheiras de montanhas, umas tintas de roxo-azul pela distancia, outras mais proximas negrejando com as mattas virgens que as vestem.

Este painel, que apenas esboçámos, não retrata sómente o trajecto da estrada a que o applicámos, mas sim tambem todo ou quasi todo o paiz que ella percorre, pois que em uma grande extensão do territorio vae seguindo o curso do Piabanha, como os nossos leitores terão notado, já por um lado, já pelo outro, mas sem se afastar das suas margens.

Passada a *ponte de Sant'Anna*, chega-se á *estação de Luiz Gomes*, no *campo da Gramma*. É o sitio muito ameno e pittoresco. Todos os edificios da estação são de madeira, com cobertura de laminas de ferro. O edificio principal não é falto de belleza, em sua singela construcção. Compõe-se de tres corpos; o do centro com dois pavimentos, tendo o superior na frente uma grande varanda; e os dois corpos lateraes, um pouco recolhidos e mais compridos que o central, mas de um só pavimento.

Ergue-se por detraz da estação uma collina assombrada por um grande bosque de arvores não mui corpulentas, mas tão bastas que parecem formar uma parede de verdura massiça, com que realçam os edificios da estação.

É esta vista que faz o objecto da nossa gravura, copiada de uma grande e mui perfeita photographia.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 287)

VIII

Deslustraram muitas vezes em vida as imperfeições e fragilidades da carne a alguns dos mais eminentes engenhos que luziram n'este mundo. Parece que foram n'elles estas maculas como que o *memento homo* que os estava a elles e ao mundo advertindo de que, se pelo entendimento eram mais do que o vulgar dos homens, eram sempre, á conta dos vicios e fraquezas, descendentes e herdeiros do primeiro peccador. Descidos ao sepulchro, a historia amnistia a vida terrena d'aquelles homens, para glorificar, em toda a sua pureza, a magestade da sua vida espiritual.

Não foi Bacon, nos primeiros annos da sua adolescencia, e ainda em sua robusta virilidade, alheio ás paixões que sempre agitam, e degradam tantas vezes, os espiritos mais fecundos e varonis.

A epocha de Bacon, revôlta de odios politicos, fertil de ambições immoderadas; a procedencia e a tradição da sua estirpe, condecorada em muitos dos seus membros com elevadas magistraturas; o exemplo que ao futuro chanceller offerecia a cada passo a corrupção da sociedade em que vivia, eram tão efficazes incitamentos, que o animo juvenil de Francisco Bacon lhes não podia facilmente resistir.

Educado nas cortes, estimulado pelo desejo de resplandecer no mundo, sabendo que raras vezes o talento, desajudado da adulação e do cortejo dos poderosos, alcança conquistar o logar que lhe pertence, o grande reformador, entrevendo a gloria que a sua nação e o mundo culto lhe haviam um dia de sagrar, não sabia distinguir se era nos altos officios da republica, se nas quietas meditações do gabinete, que havia de entretecer-se o seu laurel. Queria ser grande na corte dos monarchas, como o havia de ser um dia na corte dos espiritos; queria ser cortezão dos reis da

força o que estava predestinado para ser rei pelo talento.

A Inglaterra dava por estes calamitosos tempos ao universo o espectaculo paradoxal de uma nação que, decadente e prostrada por muitos seculos de luctas civis, se reconstruia e accrescentava sob o dominio de uma mulher, e ao aceno caprichoso do seu dedo tomava logar entre as grandes nações da Europa civilisada.

A rainha Isabel occupava o throno de Guilherme o Conquistador, e continuava a tradição de Henrique VIII e de Eduardo VI, exaggerando o rigor sanguinario do primeiro, e o sombrio fanatismo do segundo. A egreja de Inglaterra e a supremacia theocratica do poder real assentavam sobre os alicerces regados pelo sangue espargido em torrentes nos cadafalsos, onde os catholicos expiavam a constancia na fé tradicional.

Desde a rainha dos escocezes, a mal afortunada Maria Stuart, e os membros mais eminentes da nobreza até aos ultimos cidadãos, que oppunham á apostasia a firmeza no martyrio, nem as graças do sexo formoso, nem as cans dos anciãos mais venerandos, nem as vestes candidas do sacerdocio romano, dobravam a perseguidora austeridade da intratavel Isabel, cujas ordens voavam rapidas da penna dos ministros e do pretorio dos magistrados até ao cutello dos executores, vibrado incessantemente como o symbolo predilecto da soberana potestade, exercida em nome do principio protestante por uma mulher, ainda no viço da existencia. O governo parlamentar passava pelas duras expiações que lhe infligia o despotismo intratavel da rainha. A princeza, que a adulação appellidou, nos tempos do seu prestigio, com o dictado affectuoso de «good queen Bess» (a boa Isabelinha), intimava aos pobres communs, quando, a largos intervallos, se dignava de os convocar para que votassem os tributos, e não perdessem o melhor do seu tempo em ociosas discussões; e explicava-lhes a extensão da sua independencia e liberdade, com dizer-lhes que as franquias da palavra parlamentar se reduziam ao *approvo* ou *rejeito* das votações. Mais de uma vez a independencia e inviolabilidade dos membros do parlamento, a immunidade que durante o seculo XVI fôra reconhecida e consagrada pelo poder real [1], era tyrannicamente contestada pelo despotismo intolerante da rainha, a qual respondia com os ferros da torre de Londres ao direito parlamentar, quando algum dos deputados propunha um *bill* desagradavel á altiva autocracia da soberana.

O governo despotico, mil vezes mais affrontoso para a dignidade humana, quando é cortejado pela parodia da representação nacional, é mau quando é um soberano que impera; pessimo quando é uma princeza que domina. A realeza absoluta de um homem é o reinado das paixões: a magestade absoluta de uma mulher é o reinado dos caprichos feminis. Ora Isabel era exactamente um compendio de contradictorios predicados e de caprichos ingovernaveis pela razão. Varonil, como quando montada n'um soberbo corsel de batalha, faz em Tilbury-Fort o alardo magestoso das tropas, que se aprestam a resistir á *Invencivel Armada* de Filippe II. Femininilmente vaidosa, quando concede os raios mais preciosos do seu favor aos que, venerando-a como rainha, a lisongeiam como mulher, como quando levanta á maior valia Sei Walter Raleigh porque estendêra no chão a capa luxuosa para que a rainha não manchasse os pés no lodo do caminho; ciosa da sua independencia, quando recusa os melhores partidos que se lhe offerecem em matrimonio. Esmeradamente culta, quando exorna o seu espirito com todas as graças de uma primorosa educação; selvatica na apparencia, como quando fulmina com a severidade da sua palavra os seus doceis e timidos ministros. Affectuosa, quando ergue do pó os seus favoritos; sanguinaria, quando entrega ao algoz a cabeça do valido que momentos antes amimára. Eis-ahi o que era a rainha Isabel, a mulher cuja sentença, porventura com demasiada severidade, pronunciou um historiador protestante [1], quando a descreveu no seu laconismo eloquente: «rainha sem fé, princeza sem honra, e mulher sem castidade».

[1] Guizot. *Histoire des origines du gouvernement representatif en Europe*. Bruxellas, 1851. Tom. II, liç. XXV, pag. 315-318.

Isabel, de quem os seus proprios aduladores, ainda nas terras do novo mundo, celebravam a sua mais que duvidosa virtude, dando o nome de *Virginia* a um territorio dos estados americanos; Isabel, a mulher tão ciosa do poder, que jámais consentira em partilhar o throno e a magestade com um esposo, tinha concentrado todas quantas meigas affeições podiam caber ao seu altivo e orgulhoso coração, n'um homem, que ella se comprazêra em levantar da sua mediania ao mais eminente valimento. Era Roberto Dudley, conde de Leicester, por ella condecorado com as mais altas dignidades da aristocracia britannica. A Leicester, que morrêra deixando no peito da rainha o espinho da sua talvez unica saudade, succedêra o joven conde de Essex, a quem a fortuna saudava n'um auspicioso alvorecer de felicidades. A Inglaterra via sempre por detraz do throno, reflectindo os resplendores da realeza, um favorito da soberana. O governo absoluto, e quantas vezes tambem o proprio regimen representativo, confiado ás mãos caprichosas de uma mulher, tem sido sempre o ephemero morgado dos validos. E porque não sómente sejam as mulheres as que a historia acoime d'esta fraqueza, tambem os reis, ainda os que são de mais embotada sensibilidade, tem ás vezes incorrido na frouxidão de se fazerem escravos dos seus validos.

O conde de Essex estava no apogêo das suas grandezas na corte de Isabel. Aquella cabeça altiva, que a um aceno fazia rolar nos cadafalsos as cabeças dos não-conformistas e catholicos, calumniados de rebeldes, inclinava-se graciosa diante dos attractivos juvenis do fidalgo afortunado; aquella voz, em cujas inflexões severas a Inglaterra, no laborioso tyrocinio da sua grandeza, aprendia o tom imperativo da sua futura supremacia internacional, ameigava-se nos coloquios affectuosos com o valido. Tudo, excepto eclipsar inteiramente a indivisa auctoridade da soberana; tudo, menos a participação directa ao poderio da rainha; eis-ahi o que Isabel concedia aos predilectos da sua alma.

Francisco Bacon, já vantajosamente conhecido pela rainha, era um dos partidarios do conde de Essex. Inclinava-o a affeição desinteressada? Moviam-n'o os dotes apreciaveis do moço gentil-homem, tão generoso na sua valia como bravo nos campos de batalha?

Inclinâmo-nos a crer que Bacon o seguia, porque fiava do influxo d'elle os accrescentamentos proprios, de que era em extremo cubiçoso. Sabia que raras vezes o merito só por si abre o caminho das grandezas, e que sómente a adulação é nas cortes seguro passaporte para as honras e dignidades.

Se Bacon se tivesse resignado a ser só Bacon, a ser só o reformador da philosophia, a ser o auctor immortal do *Novum Organum*, quantas severas increpações, que embaciam a sua gloria, não teria poupado á imparcialidade dos seus mais convictos enthusiastas? Se antes que a fortuna, depois de o haver exaltado ás maiores alturas, lhe intimasse o desterro da corte, se tivesse elle a si proprio condemnado ao exilio para fóra dos paços, mal os houvera uma vez lustrado, e em vez da amarga solidão do infortunio, anuviada pelas saudades dos tempos aureos, houvesse eleito espontaneamente a consoladora solidão da obscuridade, oh! como aquelle desterro havia de ser hoje purissima apotheose! como aquella solidão

[1] Chalmers.

lhe fôra, sem mescla de mundanas penas e tristezas, a esplendida officina da sua gloria!

Mas Bacon era um d'estes espiritos que, para brilharem, é necessario que os maltratem e os expulsem. Para se vingarem da quéda, fabricam no seu infortunio a gloria e a immortalidade, e repartem os seus thesoiros com a propria terra que os ultraja.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

LARGO DE S. ROQUE

(Vid. pag. 305)

Com a acquisição d'este terreno, pertencente a D. Estevão de Faro, e varias casinhas foreiras ao convento da Trindade, que havia pela encosta do monte, chamada então calçada do Postigo de S. Roque, até destorcer com a rua ainda hoje denominada da Condessa, isto é, da condessa da Vidigueira, começou o conde almirante da India D. Francisco da Gama a ampliar a sua casa do largo de S. Roque.

Para dar mais desafogo ao largo, fez o conde, em 1621, a seguinte petição á camara de Lisboa:

«Diz o conde da Vidigueira, que no pateo das suas casas que estão no terreiro de S. Roque, tem fóra dos muros da cidade uns chãos de comprimento de mais de 20 varas, e de largo mais de 4, os quaes occupa com parede (muro) por ser senhor d'elles por titulo de aforamento emfatiota, que a camara d'esta cidade fez a seus avós: e ora querendo tratar de fazer obras no pateo das ditas suas casas, entende que será de utilidade, beneficio e ornato da cidade, largar os chãos que ficam da torre de Alvaro Paes para fóra, para uso commum do Povo. E porque largando assim os ditos chãos, de que paga fôro, e ficando a cidade gozando de tão grande beneficio, é justo que se faça recompensação, abstendo-se no fôro que paga o que parecer, pelo notorio proveito que d'isso fica redundando á cidade, mórmente costumando ella, em coisas de menos consideração, dar excessivos preços, e fazer grandes vantagens. Pelo que, pede a vossa senhoria e mercês, havendo respeito a elle demittir de si aquillo de que está de posse, lhe façam mercê, considerando o que allega, e tomando as informações necessarias se mande tratar com elle conde da composição por um ministro que parecer. E. R. M.ce *E lembro que o sr. presidente não póde votar nem ser presente quando se votar n'esta petição.*»

Sublinhámos as palavras d'esta ultima clausula, por ser digna de se notar, tanto mais que a camara aceitou a suspeição, como quem sabia os fundamentos, porque na escriptura da reducção do fôro, que se lavrou no senado, lemos o seguinte:

«E n'esta escriptura não assignou o presidente do dito senado, pelo dito conde o recusar em sua petição».

A camara fez sobre este pedido uma consulta ao vice-rei (era no tempo dos Filippes) n'estes termos:

«O Conde Almirante larga o terreiro e pateo das suas casas junto do adro da egreja de S. Roque, 60 palmos de comprido e 30 de largo, como consta pela medição que se fez por ordem da cidade, no que ella recebe beneficio publico, por ficar aquella praça com esta largura mais, *pelo muito concurso de gente que alli concorre* [1], e ser na parte mais principal de Lisboa; pelo que feitas diligencias sobre isso, pareceu em camara que se lhe abatessem seis centos dos mil e seis centos réis que elle paga de fôro, em cada um anno, d'aquellas casas e sitio; o que se não pode fazer sem approvação de V. M., e n'esta conformidade a esperamos. Em Camara 12 de maio de 1621 — *andré Valente — antonio Pinto damaral — João de frias Salazar — pedro Vaz de Villasboas — pedro borges — antonio fernandes — João esteves — Lourenço davelar — João de S. payo*».

«Conformome com esta consulta, em Lisboa a sinco de junho. *O Visorei*».

Ainda não estava concluido o palacio, quando morreu o conde, crivado de dividas, pelo que foi esta propriedade penhorada, como livre e allodial que era a esse tempo, por um tal Miguel de Macedo, naturalmente algum onzeneiro, ou agiota, como hoje se diz.

Arrematou-o em praça, no anno de 1634, por vinte mil cruzados, Gaspar de Brito Freire, fidalgo da casa real, que suppomos ser o que edificou depois o palacete da rua da Torre de S. Roque, torneando para a travéssa da Queimada, que actualmente pertence ao conselheiro Bartholomeu dos Martyres.

Passados poucos annos, em 1638, o conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, filho e successor do conde D. Francisco, impetrou e obteve licença régia para vender 220$000 réis de juro do morgado, para remir o palacio de S. Roque. Na petição ao rei, allega o conde ser aquella casa *uma peça notavel de seu pae e avós*.

Concertou-se o conde D. Vasco da Gama com Brito Freire em dar-lhe o preço da arrematação e bemfeitorias, o que tudo montou a 5:670$000 réis.

Porém, de todos os successores de Vasco da Gama, o que poz o remate a este palacio, e o vinculou, foi o marquez de Nisa D. Vasco Luiz da Gama, do conselho de estado e do despacho do infante D. Pedro, em quanto regente do reino, durante a prisão del-rei D. Affonso VI. Este marquez, para concluir o palacio de S. Roque, vendeu por dezeseis mil cruzados, no anno de 1672, uma propriedade de casas que tinha na rua Nova, junto ao chafariz dos Cavallos, ficando desde então vinculado, por ser aquella propriedade do morgado da Vidigueira.

Os marquezes de Nisa viveram sempre n'este palacio, até que, succedendo no morgado da casa de Unhão, nos principios do seculo passado, herdaram o paço de Xabregas, edificado pela rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João II, e doado pela rainha D. Luiza, mulher de D. João IV, á condessa de Unhão, sua camareira-mór. [1]

Quando D. João V instituiu a patriarchal, nomeou para primeiro patriarcha de Lisboa o bispo do Porto D. Thomaz de Almeida, da casa dos condes de Avintes. Como este prelado era muito affecto aos jesuitas, elles trouxeram-n'o para junto da sua casa professa, alugando-lhe o palacio dos marquezes de Nisa, que tinha communicação pela cêrca para a casa professa de S. Roque.

D'esta residencia data a denominação de Pateo do Patriarcha, que tinha o que ficava á entrada do theatro que alli houve, como diremos, e hoje está occupado pela Companhia de Carruagens Lisbonense.

D. Thomaz de Almeida falleceu n'este palacio, no anno de 1754, e jaz sepultado na capella-mór da egreja de S. Roque.

O segundo patriarcha de Lisboa, D. José Manuel, da casa dos condes da Atalaia, tambem foi residir para o palacio de S. Roque, e ahi assistia ao tempo do terremoto de 1755, que arruinou muito esse edificio, pelo que se mudou o patriarcha para o palacio que a sua casa tinha na rua da Atalaia.

Desde então ficou o palacio de S. Roque devoluto; começaram-se a edificar barracas no largo e no pateo, e os criados inválidos da casa de Nisa foram-se, pouco a pouco, aninhando por alli. Como havia no palacio um salão grandissimo, foi nos principios d'este seculo alugado para theatro dramatico, cuja historia vamos referir.

(Continua) A. da Silva Tullio.

[1] Ia muita gente á doutrina dos jesuitas; e o largo enchia-se de tarde com os coches da fidalguia, que não faltava aos sermões dos famosos prégadores da Companhia de Jesus.

[1] Vid. o vol. IV, pag. 182, d'este semanario.